

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Oleto

Class.: 118

Data: 29 de Outubro de 1988

Pg.: 8

Madeireiras que poluíam têm 180 fornos demolidos

BELÉM — A Secretaria estadual de Saúde (Sespa) já concluiu a demolição de 180 fornos de dez madeireiras que alimentavam de carvão vegetal as empresas Cosipar, Simara e Prometal, instaladas no início do ano em Marabá. Os donos das madeireiras estão agora negociando uma área de dez quilômetros do Município para reconstruir seus fornos. Mas a Sespa já advertiu que vai acompanhar todo o processo da fabricação de carvão, e se a poluição comprometer o meio ambiente, atingindo a zona urbana, novamente os fornos serão interditados e demolidos.

Segundo o Diretor do Departamento de Ações Básicas da Sespa, Izamir Araújo, a demolição dos fornos localizados no perímetro urbano de Marabá foi iniciada a pedido da população da cidade, que vinha sofrendo de doenças respiratórias provocadas pela fumaça altamente tóxica por conter elevado índice de monóxido de carbono e outros gases resultantes da combustão das aparas de madeira



utilizadas nos fornos para a produção de ferro gusa e liga.

Para produzir um tonelada de ferro gusa é necessário queimar 0,8 tonelada de carvão vegetal. Com a recente inauguração das três primeiras siderúrgicas — Cosipar, Simara e Prometal — o pólo de Ma-

rabá está produzindo 180 toneladas de ferro gusa/dia, o que representa o consumo de 144 toneladas de carvão vegetal/dia. Até 1989, quando as três empresas atingirão sua plena capacidade, serão necessárias 2 mil toneladas de carvão/dia.

— As indústrias se instalaram em Marabá sem que antes fosse criada uma reserva florestal que permitisse a extração e a queima racional do carvão, de forma a permitir um equilíbrio entre o desenvolvimento da região e a preservação do meio ambiente, principalmente na área de floresta, o que evitaria grandes alterações no ecossistema do Sul do Pará — disse Izamir Araújo.

Após realizar estudos com o apoio da Secretaria municipal de Saúde, a Sespa começou a demolir os fornos localizados no ramal Sororó da Transamazônica, que poluíam principalmente os bairros da Liberdade, Laranjeiras e Independência. No início deste mês, a Sespa demoliu os restantes porque suas determinações não foram atendidas.

Ambientalista quer organizar 'guerrilha ecológica'

BELÉM — O Presidente da Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais da Amazônia, Camilo Vianna, conclamou a população preocupada com o desmatamento da floresta a organizar "guerrilhas ecológicas".

— Temos que partir para a guerrilha ecológica. A devastação chegou a um ponto acima do tolerável. Portanto, é preciso começar a quebrar peças e equipamentos que servem para destruir a flora amazônica e fazer bloqueios — disse o ecologista no Fórum de Debates sobre a Amazônia, realizado em Belém.

Segundo Vianna, todos que se sentirem prejudicados pela devastação devem se engajar nessa "guerrilha ecológica" antes que seja tarde. Ele afirmou que a situação da floresta é desesperadora, sendo necessário que se tome uma atitude drástica.

O Diretor do Departamento de Ações Básicas da Secretaria de Saúde do Pará, Izamir Araújo, alertou que dentro de sete anos todo o Sul do Estado poderá transformar-se numa grande capoeira, se não forem tomadas medidas enérgicas para conter a derrubada das florestas para o fornecimento de carvão vegetal

às usinas sidero-metalúrgicas instaladas ou em fase de instalação em Marabá, área do Programa Grande Carajás.

Na opinião do Presidente da Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia, Orlando Valverde, o mais grave é que toda a produção de ferro gusa e liga se destina à exportação, ficando na Amazônia "apenas a poluição e o desmatamento". Na área de Marabá, estão funcionando três usinas: Cosipar, do grupo Itaminas; Cimara e Prometal. E até o final do próximo ano mais três serão instaladas.